

## **Intersexualidades/Interseccionalidades: saberes e sentidos do corpo**

Paulo César Garcia e Emerson Inácio (eds.)

Uberlândia, O Sexo da palavra, 2019, 440 pp. ISBN: 978-85-93892-22-6

O grupo Intersexualidades, projeto do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto, que conta com integrantes de cerca de vinte países, organiza-se em torno de reflexões sobre gênero e sexualidade, a partir de perspectivas interseccionais, feministas, queer e outros saberes minoritários. O livro *Intersexualidades/Interseccionalidades: saberes e sentidos do corpo*, publicado em 2019 pela editora brasileira O sexo da palavra, com organização de Paulo César Garcia, da Universidade do Estado da Bahia, e Emerson Inácio, da Universidade de São Paulo, é fruto tanto das pesquisas dos integrantes do grupo quanto do II Congresso Internacional Intersexualidades, que aconteceu em Salvador/Brasil em setembro de 2018.

Entre os dezessete ensaios que compõe o livro encontramos as principais conferências do referido congresso, assim como há também artigos inéditos e entrevistas que foram produzidas durante o evento. Segundo seus organizadores, o livro dá voz a epistemologias dissidentes na abordagem literária, ao mesmo tempo em que se constrói como um contracanto aos crescentes autoritarismos, a partir de uma sólida consistência teórica, crítica e epistemológica. Em seu conjunto, os textos são uma radiografia do campo dos estudos literários ibero-americanos em torno das questões de gênero e sexualidade.

Em “Aras palavras. Entre vozes, silêncios, palavras...”, Paulo César Garcia faz uma importante rememoração das obras literárias e críticas da escritora portuguesa Ana Luísa Amaral, para em seguida entrevistar a autora. Nessa conversa, entrevistada e entrevistador discutem sobre poesia, criação literária, autoria feminina, o lugar da crítica literária frente ao crescente autoritarismo e o surgimento do grupo Intersexualidades. Na sequência, em “Da igualdade e das diferenças...”, é a própria Ana Luísa Amaral que discute a sua produção poética, com especial interesse para a obras *Como tu* (2012), *What’s in a Name* (2017) e *A História da Aranha Leopoldina* (2019). Por fim, a poética queer e a ética da alegria da obra de Ana Luísa Amaral, especialmente através do livro *Ara* (2013), são discutidas no artigo “‘Vergonha é não amar’...”, de Marinela Freitas.

Outro grande tema do livro é o estudo do corpo, o que inclui tanto o debate sobre como a linguagem produz o corpo e como a crítica literária o tem lido quanto o debate sobre como a literatura constrói corpos abjetos e martirizados e como a escrita desses corpos pode produzir empoderamentos e resistências. Em “Olha que o corpo é de luta e não de perfumaria...”, Emerson Inácio discute,

a partir das obras Fluxo-floema (1970), de Hilda Hilst, e Novas cartas portuguesas (1972), de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, o lugar do corpo na crítica literária. Em “A metamorfose na obra do escritor timorense Luís Cardoso...”, Catherine Dumas analisa os corpos martirizados dos indivíduos, das famílias e da nação, a partir das primeiras narrativas pós-coloniais sobre a história do Timor Leste. Em “Entre a dessexualização e a hipersexualização dos corpos de mulheres negras...”, Isabel Caldeira analisa, a partir da obra Fome: uma autobiografia do (meu) corpo (2017), da escritora norte-americana Roxane Gay, a dessexualização e a hipersexualização dos corpos de mulheres negras, destacando a potente relação entre trauma e escrita, enquanto promessas de empoderamento e resistência. Em “Corpos abjetos e experimento da escrita em *Almoço Nu*”, José Carlos Felix discute, a partir de *Almoço Nu* (1984), de William Burroughs, as relações entre corpo, abjeção e escrita literária, de onde conclui que a escrita do livro está orientada por uma pulsão abjeta e sádica. Por fim, em “O corpo não é natural”, Fábio Figueiredo Camargo argumenta, a partir do filme *Madame Butterfly* (1993), de David Cronenberg, que a única coisa “natural” nos corpos são os discursos de sua naturalidade.

O debate sobre masculinidades também é parte dos interesses do livro. Em “Homens em desconstrução, masculinidades em questão”, Mário César Lugariño discute a construção e a desconstrução das masculinidades modernas, enquanto em “Convidados no paraíso (das loucas)...”, Jorge Luis Peralta faz um extenso levantamento de feminilidades masculinas, e suas diversas tipologias, na literatura argentina. A autoria feminina, especialmente de mulheres africanas, é debatida nos artigos “Corpos e saberes situados ao sul...”, de Simone Pereira Schmidt, e “Saberes de outros corpos...”, de Catarina Martins. A partir de epistemologias decoloniais e pós-coloniais, as duas pesquisadoras investigam autoras moçambicanas e nigerianas, com especial interesse aos sentidos do debate feminista em África.

Por fim, o livro ainda conta com os artigos “Vozes e escribas da memória trans...”, de Rafael M. Mérida Jiménez, texto fundamental para o debate sobre literatura trans no contexto ibero-americano; “‘E o que era ser são’? intersexualidade e vida vivível”, de Maria Irene Ramalho, que a partir de um vasto repertório literário discute normalidade e anormalidade, doença e saúde, para em seguida problematizar a ideia de uma intersexualidade identitária; “Q.E.D. (1903), autoficção de um triângulo amoroso lésbico...”, de Marcus Antônio Assis Lima, que analisa as relações entre vida literária e autoficção; “‘Aquela palavra às avessas’...”, de André Luís Mitidieri e Elisabete Costa Silva, que discute as escritas de si no contexto da ditadura militar brasileira; e “A (tecno)cena e a política cultural menor...”, de Djalma Thürler, Josué Soares e Duda Woyda, que investiga como

o grupo Ateliê voador tem promovido devires minoritários a partir de uma revolução estética posta em cena.

Pela complexidade dos assuntos que aborda, pela qualidade com que são articulados saberes e epistemologias dissidentes, *Intersexualidade/Interseccionalidades: saberes e sentidos* se constitui como obra fundamental para a crítica literária que tem investigado as relações entre literatura, gênero e sexualidade.

HELDER THIAGO MAIA  
helderthiagomaia@usp.br  
Universidade de São Paulo

D.O.I.: 10.1344/Lectora2021.27.25

### **Edad y violencia en el cine. Diálogos entre estudios etarios, de género y fílmicos**

Francisco A. Zurián, M. Isabel Menéndez Menéndez y Francisco José García-Ramos (eds.)

Palma de Mallorca, Universitat de les Illes Balears, 2019, 203 pp. ISBN: 978-84-83844212

El envejecimiento de la sociedad es un fenómeno global que se asocia al aumento de la esperanza de vida y la disminución de la tasa de natalidad. Esto ha supuesto una transformación en la concepción clásica del ciclo vital juventud-madurez-vejez, así como el desarrollo de un nuevo lenguaje más afín a las nuevas realidades. Si bien en el imaginario fílmico se están construyendo nuevos paradigmas cada vez más heterogéneos, aún se siguen privilegiando marcadamente historias que giran en torno a la crisis del envejecimiento, con narrativas centradas en el declive, la vulnerabilidad y la dependencia, y se sigue invisibilizando a la mujer mayor de cuarenta años mediante prácticas discriminatorias basadas en la edad y el género, según expone Josephine Dolan en su estudio “Older Women and Cinema: Audiences, Stories, and Stars” (2020). El contexto cinematográfico español no es ajeno a la cultura de la imagen y del cuerpo obsesionada con la eterna juventud. El cuerpo de la mujer sigue estando sometido a un sistema epistemológico patriarcal que asigna al sujeto masculino una posición privilegiada y somete a la mujer y a su cuerpo a una valoración sexista de acuerdo con su apariencia y deseabilidad sexual y, en definitiva, a prácticas de violencia representacional. Como su título indica, el presente volumen está dedicado a la violencia y la edad en el imaginario fílmico contemporáneo —tanto de ficción como documental—, una temática muy vigente en la actualidad. A lo largo de ocho capítulos, se exploran cuestiones en torno a la representación cinematográfica de las violencias relacionadas con la edad y los posibles usos didácticos en el contexto educativo de determinados textos